TER UM NOME, SER UM CORPO: CORPORALIDADE E IDENTIDADE NO LIVRO "NOSSOS OSSOS" DE MARCELINO FREIRE

HAVING A NAME, BEING A BODY: CORPORALITY AND IDENTITY IN THE BOOK "OUR BONES" BY MARCELINO FREIRE

Edilson Brasil de Souza Júnior[1]

Resumo: o presente trabalho tem por objetivo compreender o papel da alteridade na construção identitária do sujeito contemporâneo no que diz respeito ao papel da corporalidade do Outro na transformação da intimidade e a (re)descoberta do Eu. Para tanto, utiliza como objeto de estudo e referência o livro "Nossos ossos", do escritor pernambucano Marcelino Freire. Assim, os trechos literários apresentados neste trabalho buscam explanar sobre a relação corpo-identidade a partir dos conceitos Eu-Tu e Eu-Isso (advindos da filosofia existencialista) e da função-espelho do corpo apresentada pela tese de Merleau-Ponty. O trabalho também faz uma análise da dimensão da importância do deslocamento para a constituição identitária do indivíduo. Dessa forma, o artigo tem por objetivo principal compreender como o Outro e seu corpo são ferramentas fundamentais para os processos de ressignificação individual e coletiva.

Palavras-chave: Identidade; Corpo; Alteridade; Deslocamento; Sentimento.

Abstract: this paper aims to understand the role of otherness in the identity construction of the contemporary subject concerning the role of the Other's corporeality in the transformation of intimacy and the (re)discovery of the Self. To this end, it uses as a study object and reference the book "Our Bones" by the Pernambucan writer Marcelino Freire. Thus, the literary excerpts presented in this work seek to explain the body-identity relationship based on the concepts of I-Thou and I-It (from existentialist philosophy) and the mirror-function of the body presented in Merleau-Ponty's thesis. The paper also analyzes the importance of displacement for the individual's identity constitution. Therefore, the main objective of the article is to understand how the Other and their body are fundamental tools for processes of individual and collective re-signification.

Keywords: Identity; Body; Otherness; Displacement; Feeling.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo compreender o papel do Outro na transformação do Si Mesmo na Contemporaneidade. Para tanto, analisa trechos do livro "Nossos Ossos" de Marcelino Freire para refletir sobre as funções da corporalidade no que se refere à constituição da subjetividade[2] e da identidade.

Assim, os trechos literários apresentados neste trabalho buscam explanar sobre a relação corpo-identidade a partir das palavras-princípios Eu-Tu e Eu-Isso advindos da filosofia existencialista e da função-espelho do corpo apresentada pela tese de Merleau-Ponty e por autores como Philippe Bresson e Virgínia Wolff. O trabalho também faz uma análise da dimensão da importância do deslocamento para a constituição identitária do indivíduo imerso em uma realidade social líquida-moderna (Bauman, 2007).

Dessa forma e por tudo que foi dito, o artigo tem por objetivo principal, conforme foi mencionado, compreender como o Outro e seu corpo, vislumbrados como entidades sócio-

[1] Bacharel e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

[2] Guattarri (1992, p. 19) define subjetividade como sendo "o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade, sendo ela mesma subjetiva".

culturais, são ferramentas fundamentais para a ressignificação social e para a (re)descoberta da identidade e dos sentimentos e consequentemente para a transformação da intimidade e da realidade.

Por conta da ênfase dada ao corpo, o trabalho fará uma breve análise sobre a relação entre corporalidade e identidade antes de dar início à explanação sobre a obra de Freire. Também apresentará as teorias com as quais trabalhará para analisar as falas dos personagens de "Nossos Ossos".

2 O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

O que é o corpo? E como o corpo constitui e é constituído pelo Si Mesmo e pelo Outro?

O início de um caminho para se chegar à resposta a essas duas perguntas pode ser encontrado na afirmação do sociólogo francês David Le Breton (2007) para o qual "antes de qualquer coisa, a existência é corporal" (2007, p. 7). Daí que, de acordo com a sociologia do corpo, a corporeidade humana seja entendida como fenômeno cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. Em outras palavras, "as representações sociais atribuem ao corpo uma posição determinada no seio do simbolismo geral da sociedade (...) elas situam seu lugar no seio do cosmos ou da ecologia da comunidade humana" (Le Breton, 2012, p. 1).

Este é o motivo que justifica que o corpo se torne o centro do discurso sobre o Eu e sobre o Outro nas sociedades contemporâneas. Contudo, conforme afirma Le Breton (2012, p. 10, "este saber é marcadamente cultural". Por isso mesmo, ainda segundo o sociólogo, "emissor ou receptor, o corpo produz sentido continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural" (Le Breton, 2012, p. 10). Em suma, ao corpo é atribuído verdades, fantasias, desejos, etc e assim ele ganha o status de entidade-espelho, funcionando como um lugar/espaço físico e simbólico para olhar e refletir acerca da realidade por meio do pensamento sobre Si, sobre o Outro ou **sobre Si no Outro**. Isso porque, apesar do "peso cultural" que recai sobre a corporeidade,

> a expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o relevo social que necessita (...). No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos **olhos dos parceiros** (Le Breton, 2007, p. 9, grifo meu).

E este é o enigma do corpo - torná-lo simbólico para fazer sentido para Si e para o próximo. Assim, de acordo com Merleau-Ponty (2006, p. 341), o corpo é "coisa e medição de

todas as coisas, fechado e aberto, tanto na percepção quanto no desejo". E continua: "Não duas naturezas nele, mas dupla natureza: o mundo e os outros tornam-se nossa carne" (2006, p. 341). Por isso as imagens que fazemos de nós dependem de um esforço nosso por fazer com que o próximo entenda tudo aquilo que em nós é tangível e simbólico mesclados. Um exemplo desse fenômeno pode ser vislumbrado em uma passagem do romance "Mentira que contamos", do escritor francês Philippe Besson. Diz o personagem principal:

> Thomas e eu estamos deitados na cama. Minha cabeça repousa em seu peito. Não sei como acabamos nesta posição. (...) Nessa posição, de repente me dou conta de que mudei. Envelheci, talvez. Não sou mais o garoto acanhado, assustado, que pode ser ofendido com facilidade, mas um garoto desperto e pensante. Sou outra pessoa agora, e isso é consequência do *uso do corpo*, de despertar desejo e *compartilhar com o outro* (...) (Besson, 2024, p. 87).

O trecho do livro de Besson nos mostra que, segundo a filosofia existencialista, "o ser-em do ser-no-mundo tornar-se o momento indepessável, o transcendente à consciência que funda o conhecimento" (Stein, 2000, p. 114). Para Heidegger (1993), essa experiência é constante, pois já sempre no-mundo, o ser humano é receptivo aos encontros incessantes com os demais entes. Daí que somente compreendendo esse mergulhar na experiência de **ser-em com o outro no ser-mundo** seja possível para o indivíduo contemporâneo alcançar a dimensão das ações humanas no encontro com a complexidade da realidade em relação a qual ele é produto e produtor em um movimento cíclico e contínuo. É também nesse processo que o indivíduo se encontra e constrói sua identidade (assunto que trataremos ao final desta seção).

Outro termo importante para compreender este **mergulhar no outro por meio de si** é a relação Eu-Tu, concebida pelo filósofo austríaco Martin Buber como uma necessidade inata do ser humano para seu crescimento, pois a relação Eu-Tu[3] confronta, provoca e remete ao paradoxo da existência. Isso porque, segundo Buber (2001, p. 57) "o Eu se realiza na realização com o Tu", fazendo com que toda a vida seja encontro. Assim, "no diálogo genuíno, tanto no que é mutuamente construído e buscado quanto na relação espontânea a vivência eu-tu pode ocorrer, abrindo e transformando" (Luczinski;Angola-Lopez, 2010, p. 79). Resumidamente, "o homem se torna EU na relação com o TU" (Buber, 2003, p. 32). Contudo, essa relação só é possível a partir da desobjetificação de Si e do Outro, característica fundamental da relação Eu-Isso. Dessa forma,

[3] "Experimentar novos modos de ser em presença de um outro é uma ação que deixa marcas. Ao mesmo tempo em que é algo intenso e prazeroso, este acontecimento deixa mais questões do que conforto e satisfação, abalando a segurança da pessoa. Ela é lançada ao encontro de um terceiro elemento, o espaço do "entre", que a leva ao contato consigo mesma e com o outro, abalando as estruturas já construídas, trazendo certa vertigem" (Luczinski; Angola-Lopez, 2010, p. 79).

> Na atitude eu-tu, a pessoa entra em relação, deixa-se impactar, deixa-se atravessar pela presença viva do outro, seja este outro uma pessoa, uma situação, uma obra ou um ente qualquer. (...) A atitude eu-isso, por sua vez, leva a experienciar de forma objetiva as situações. O mundo do isso ou da objetividade ordena o real, transformando-o em habitável e reconhecível Luczinski; Angola, 2010, p. 78).

Essa relação Eu-Tu nos leva a um segundo conceito que se refere ao corpo e muito interessa a esse trabalho, a saber, a função-espelho, que já está presente na fala do personagem de Bresson e se faz ainda mais clara ao recorremos a uma crônica de Virgínia Wolff. No texto "A mulher no espelho", Woolf, em uma visita a sua amiga Isabela, relata que somente conseguia captar os enigmas e signos de sua amiga quando esta se colocava diante do espelho. Durante toda a narrativa, a escritora é tomada por assombros causados pela explosão da imagem de Isabela no espelho, que quase nada reflete as dimensões reais do corpo: "De imediato o espelho começou a verter sobre ela uma luz que parecia pregá-la; que parecia um ácido que corrói o não-essencial e o superficial e deixa apenas a verdade" (Woolf, 2005, p. 98). Ou seja, a imagem do Outro é capaz de produzir verdades que moldam a forma de ser e estar no mundo de quem o enxerga. Em outras palavras, "o homem é espelho para o homem" (Merleau-Ponty, 2002, p. 51). Isso significa que o sujeito ao ativar seus simbolismos por meio da corporeidade e com base na sociedade e na cultura é capaz de produzir verdades e, dessa maneira, moldar identidades. Isso porque "a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?" (Woodward, 2007, p. 17). Em outras palavras,

> ao elaborar suas vivências e conferir sentidos ao mundo, singularizando-se, a pessoa transita entre as diversas dimensões. Para que os conteúdos do psiquismo se expressem, eles precisam de um lugar que veicule tais reações e as tornem visíveis e sensíveis, e este lugar é o corpo. A própria percepção tem sua origem na corporeidade, nos sentidos. No entanto, para que uma pessoa avalie como reais suas percepções, é preciso que exista um expectador, alguém com quem compartilhar o fenômeno vivido. É preciso um reconhecimento, pois o homem não se faz sozinho, e sim na coexistência (Luczinski;Angola-Lopez, 2010, p. 77).

Tendo então em mente a capacidade do corpo em (re)construir identidades por meio do contato com a alteridade, seguiremos agora para uma análise da obra de Marcelino Freire, aplicando os conceitos sobre o corpo apresentados nesta seção, bem como a tese do Eu-tu proposta pela filosofia existencialista.

3 NOSSOS OSSOS: NOSSO CORPO, NOSSO NOME, NOSSA VIAGEM

"Nossos Ossos" é o primeiro romance de Marcelino Freire, publicado em 2013. A obra é uma prosa que explora a vida de um dramaturgo e diretor de teatro, Heleno Gusmão, que busca a todo custo devolver o corpo assassinado de seu amante, um garoto de programa, à família no sertão nordestino[4]. O livro trata, pois, de questões ainda tabus para nossa sociedade ao apresentar como personagens centrais homossexuais e profissionais do sexo para tratar de assuntos que, na verdade, são universais (como, por exemplo, o amor ao próximo e o enterrar do ente amado). Nas palavras de Silva (2017, p. 125) sobre o livro, o texto "deve ser considerado, portanto, não apenas por tratar de um aspecto ainda problemático para a sociedade, mas sobretudo pela forma como ele trabalha esse assunto, as implicações que ele provoca (...)".

Assim, o livro carrega em sua narrativa a essência da literatura contemporânea, a qual "vem romper com os padrões existentes no meio literário do escritor homem, branco e hétero, que escreve sobre o que quer, da forma que quer. É uma literatura na qual não apenas a obra em si tem sua função, mas tudo por trás e pela frente" (Mendonça, 2018, p. 3). Em outras palavras, as obras literárias contemporâneas têm um caráter de agente transformador sociocultural e, por consequência, é capaz também de transformar as mentes, os corpos, a intimidade e, sobretudo, as identidades dos indivíduos imersos na sociedade e na cultura contemporâneas. No caso do romance, é a relação entre Heleno e o cadáver do garoto de programa (chamado Cícero) o que evoca essa transformação, que parte dos personagens para o mundo.

Para então entender melhor esse processo de ressignificação, optamos metodologicamente por dividir a análise da obra em duas secções: 1. O nomear do sujeito sem vida e 2. A viagem do homem nomeado. Essa divisão será essencial para percebermos o poder da alteridade (Cícero) na transformação da subjetividade do personagem principal, o qual metaforiza o homem contemporâneo no (re)encontro do Si Mesmo por meio do contato afetivo com o Outro.

3.1 O NOMEAR DO SUJEITO SEM VIDA

Me deram um nome e me alienaram a mim"
Clarice Lispector

Em todas as sociedades, o nomear[5] é de suma importância para a cognição coletiva, ou seja, para a criação do que chamamos de imaginário cultural. O nomear é, pois, em seu sentido ontológico, uma ação investida de poder que serve para fazer existir as coisas do

[4] O livro foi bem recebido pelo público e pela crítica e venceu o Prêmio Machado de Assis de Melhor Romance em 2014.

[5] "(...) não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito **nomeado** e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias" (Louro, 2008, p. 81, grifo meu).

mundo, mas também para hierarquizá-las, dominá-las e invisibilizadas. O louco, a prostituta, o aleijado são seres que, na generalização dos seus nomes (ou seja, incluídos num grupo social por meio da nomeação generalizada, arbitrária, reducionista e preconceituosa) são geralmente conduzidos às margens onde passam a existir como entidades marginais, míticas ou fantasmagóricas. Afinal, sem nome não há sujeito, e sim corpo nomeado de acordo com as expectativas e os desejos socioculturais. Um exemplo dessa categorização é apresentada pela psicóloga Sofia Favero. De acordo com ela, "as identidades bicha, traveco, machorra (...) são também formas disciplinares de organizar os corpos" (Favero, 2022, p. 83). Sobre este fenômeno, Baudrillard (2004) diz que "(...) os inocentes pagam o crime de não serem nada, de serem sem destino, de terem sido despossuídos de seu nome por um sistema também anônimo, de que eles se tornaram, então, a mais pura encarnação" (Baudrillard, 2004, p. 47).

E Marcelino desorganiza a ordem vigente quando faz seu personagem principal nomear um garoto de programa, figura geralmente locada às margens da sociedade e acometida pela invisibilização, pela objetificação e pela hipersexualização, as quais são responsáveis por desumanizá-lo. Na verdade, a descoberta do nome pelo leitor se dá alguns capítulos mais à frente, porém Heleno desde o início da obra humaniza a figura do "boy" (é assim que ele é chamado nos primeiros capítulos) ao confessar para o profissional do IML e, consequentemente, para si mesmo seus sentimentos em relação ao GP. Diz ele:

> Melhor falar a verdade, então, **ele era meu namorado**, um caso que eu tive, **um rapaz inteligente**, sabe, tipo **um filho mais novo** que eu resolvi tirar da rua, dessa vida prostituta, sem saída, sem alternativa, mas aí aconteceu o pior, mas aí aconteceu o pior, essa merda de cidade, cada vez mais impossível, será que ele tinha inimigos, reflito e me calo, o que eu quero é que ele descanse em paz, por isso vim aqui, ao IML, acredite, vim para salvá-lo (Freire, 2024, p. 25, grifo meu).

E salvá-lo de quê? De uma morte desumanizada e sem nome, que é a característica básica dos corpos que não são reclamados no Instituto Médico Legal. Assim, ainda que não lhe nomeie logo no início do livro, o autor confere ao indivíduo marginalizado características que o individualizam (um rapaz inteligente) e também lhe confere o ônus de ter transformado a vida de Heleno (um filho mais novo que eu resolvi tirar da rua). Assim, o "crime" de não ser socialmente nada é finalmente quitado, pois ele agora possui uma personalidade dada por Outro que o conhece e o ama.

Sendo assim, a mudança de status de uma relação sexual para um reção "parental" denota uma mudança na visão de Heleno sobre os profissionais do sexo (Eles podem amar!) e "coage" o personagem principal a deixar de lado sua vida solitária para ser alguém que cuida (Na vida e na morte) de outra pessoa. Seu desejo se transforma em afeto e isso, por

consequência, altera sua forma de vivenciar sua masculinidade e a do Outro no que diz respeito a uma transformação da intimidade que inquieta o corpo a rever seus conceitos sobre aquilo que foi dito sobre ele e sobre o corpo em relação com ele.

Assim, a hierarquização do gênero masculino se desfaz e os personagens passam a existir finalmente como dois homens que se amam horizontalmente. Além disso, Heleno, subverte o imaginário que nega ao homem o papel de provedor sentimental ao simbolicamente se colocar publicamente como "pai do *boy*". Dessa forma, sua "paternidade" lhe confere um papel geralmente direcionado às mulheres e, assim, reconfigura questões de gênero estruturantes da sociedade e da cultura.

Fora essa reconfiguração do masculino, a dicotomia sexual/parental apresentada por meio do discurso do personagem indica a mudança do Eu-Isso para o Eu-Tu, pois ambos os personagens - Heleno e Cícero - são desobjetificados e ressignificados em uma conjuntura na qual o reconhecimento e o respeito à alteridade são características fundamentais: Heleno reconhece o status de Cícero (Garoto de programa) sem preconceitos e, consequentemente, reconhece a si mesmo da mudança desse status (Sou alguém que ama Cícero que é garoto de programa, dentre outras coisas). Aqui, opera-se o sentimento conforme a tese de Bauman (2007, p. 28) para o qual "os sentimentos parecem o hábitat natural de tudo que é totalmente privado e individual". É nesse sentido que tanto Heleno como Cícero deixam de ser respectivamente **um diretor de teatro apaixonado por um GP e um garoto de programa** para serem "apenas" Heleno e Cícero, um casal com nome e sentimentos únicos. Nesse sentido, a corporalidade, ainda que seja advinda de um cadáver, funciona como espelho para que Heleno entenda quem ele é/era na relação amorosa, quais suas obrigações para com seu amante e o que tudo isso diz sobre si e sua realidade no presente e no passado.

3.2 A VIAGEM DO CORPO NOMEADO

Agora, depois de revelar para os leitores e leitoras que o nome do *boy* é Cícero e reconhecê-lo como um ser único portador de uma identidade, de uma corporalidade e de uma subjetividade únicas, é hora de viajar até o interior para enterrá-lo. Uma atitude que simbolicamente representa o reconhecimento final e total de que o *boy* é sujeito, tem um corpo e por sequência um nome e uma história de vida. "Eu sou Heleno, estou aqui para saber da família do rapaz, eu quero, eu tenho o dever de dar destino ao corpo" (Freire, 2024, p. 50), diz o personagem e mais uma vez se observa em sua fala a função espelho do corpo do outro que **revela a si mesmo quem se é**: "Eu sou Heleno".

E o reconhecimento de Si como indivíduo único capaz de se autonomear produz o sentimento de responsabilidade para com o Outro que lhe fez ver finalmente quem Heleno é e era. Na narrativa, é neste ponto que o conceito de viagem se torna deveras pertinente para compreender como a atitude do personagem central em querer/precisar enterrar Cícero pode ser vislumbrada como mecanismo de transformação identitária por parte de seu

amante. Afinal, Cícero não merece só um enterro, mas um sepultamento em seu local de origem e isso só acontece quando Heleno se reconhece como **Heleno namorado de Cícero que precisa viajar para enterrar o rapaz**. Assim, é na decisão da viagem que o Eu-Tu se completa, pois Heleno compreende que se o corpo tem um nome e que por ele foi amado, esse mesmo corpo precisa e merece encontrar, por meio da viagem, as pessoas que com amor lhe nomearam.

Heleno também se encontra durante o trajeto, pois aproveita o momento para pensar nos amores do passado e entender qual foi seu real lugar/papel nestes relacionamentos. Dessa forma, o sujeito se coloca em (re)construção por meio do estar no mundo em trânsito, em deslocamento e é, por conta disso, que a viagem deve ser compreendida, conforme aponta Silva (2024), como espaço de formação da identidade/do corpo, como experiência de (auto)conhecimento identitário.

Assim, a mobilidade, a especialidade e a metáfora da viagem[6] são conceitos que nos informam sobre o reconhecimento do corpo como território de (re)construções identitárias. Afinal, "o espaço é fenômeno para o ser humano" (Roehe, 2012, p. 18) e, como aponta Guacira Lopes Louro (2020), é possível pensar o sujeito (corpo) *queer* como um viajante em trânsito, sendo o mover-se , portanto, capaz de "transformar o corpo, o caráter, a identidade, o modo de ser e de estar [...]" (Louro, 2020, p. 15). E em Nossos Ossos isso se torna evidente quando Heleno pensa (porque logo veremos que isso não aconteceu em sua totalidade) ter abandonado a dor causada por seu passado. Sim, há a atitude de mudar, mas a viagem ainda não está completa e Heleno não está plenamente transformado. E é o encontro com o Outro que mais uma vez coloca o Si Mesmo em questão. Esse outro, na narrativa, é Seu Lourenço, motorista da funerária, que, após ouvir a história de vida do protagonista durante toda a viagem, diz-lhe ao final do percurso:

> Não está na hora de partir, me perguntou, você já fez o seu papel no mundo, vá embora desta terra, vá, chegou o momento de sua alma se elevar, de ganhar destino, de deixar seu corpo, você está morto, Heleno, morto, não notou, não me ouviu, Heleno, morto, morto. (...) Heleno, aqui se encerra sua ladainha, eu já estou acostumado com isto, digo, em ouvir espíritos recém-saídos da morte, reconheço a sua missão qual era, a de entregar o rapaz à família, ele já está entregue, agora parta, encare, seja forte, não sofra mais, você merece, mais do que ninguém, agora, Heleno, descansar em paz (Freire, 2024, p. 114-115).

A fala do motorista, dentro da dimensão espelhar, revela de forma definitiva como "'ser' é também, necessariamente, ser 'para o outro', é ser visto, avaliado, sondado e,

[6] A viagem pode ser uma longa faina destinada a desenvolver o eu. As inquietações, descobertas e frustrações podem agilizar as potencialidades daquele que caminha, busca ou foge. Ao longo da travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado. Pode até revelar-se irreconhecível para si próprio, o que pode ser uma manifestação extrema de desenvolvimento do eu (Ianni, 2003, p. 26).

finalmente, classificado em algum lugar [...]" (Landowski, 2002, p. 42). No livro, Heleno foi avaliado e classificado por Lourenço como um morto-vivo, o que significa, dentre outras coisas, que o protagonista se deslocou fisicamente, mas que não houve deslocamento emotivo; que ele pensou tanto em Cícero que se esqueceu de Si, desequilibrando a relação Eu-Tu. Ou seja, tornando-se funcional (ele precisava entregar o rapaz à família), Heleno se transformou em **Isso**. Sendo assim, não houve uma mudança de fato, apesar dele ter encarado o passado e se deslocado por milhares de quilômetros. Heleno chega então à conclusão de que "ao lado do boy eu viajei sem viajar" (Freire, 2024, p. 116) e daí decide fazer uma última viagem que finalmente traga transformação para Si. E dessa vez, ele volta para Sertânia, terra onde nasceu e lá finalmente se reencontra com um passado feliz e reconhece o poder existente no Si Mesmo do presente:

> Esquelético, meu corpo, cenográfico, eis que reaparece, miúdo, a minha velha capa de couro bovino, espada de fêmur, saiote de cóccix, um guerreiro nobre, um cangaceiro, eu ainda sou e me sinto um vencedor, o meu pai tinha razão, sim, no futuro, quando outros homens vierem a esta região, minha história estará escrita em meus ossos, eles saberão de mim (Freire, 2024, p. 120)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A redenção de Cícero na morte é a redenção de Heleno em vida. E uma e outra somente são possíveis no momento em que a relação Eu-Tu se acentua por meio da transformação do corpo de Cícero em espelho para Heleno. Em suma, a morte de Cícero revive Heleno e o próprio Cícero que ganha um nome, um corpo com características únicas, e um destino para ser reconhecido como filho, irmão, primo, etc (sua identidade é assim restabelecida em sua completude). A história de Freire demonstra, por isso, como o indivíduo "é um feixe de possibilidades, sempre em aberto, podendo transcender e surpreender a si mesmo" (Luczinski; Angola-Lopez, 2010, p. 76). Ou seja,

> o homem está sempre diante de questões existenciais que o desestabilizam e o colocam em movimento. É um ser em constante construção, o que se dá a partir do contato com os outros, na coexis tência. Ele é único e irrepetível, ao mesmo tempo em que herda toda uma cultura construída ao longo do tempo por muitos outros, seus semelhantes. Singu laridade e pluralidade convivem lado a lado na difícil tarefa de habitar o mundo e transformá-lo (Arendt, 1971; Critelli, 1996, p. 76).

Com base nessa citação e no que foi tratado neste trabalho, vê-se como a existência é pautada pela alternância entre as atitudes que evocam o eu-tu e o eu-isso e seus desdobramentos e ainda: como a relação eu-tu situa a pessoa no mundo dos objetos a fim de que os laços entre os indivíduos existam para além de suas funcionalidades - de sua

objetificação. O que só é possível no instante em que o outro produz verdade para quem o vê como uma referência (função-espelho) para possíveis transformações subjetivas e concretas, individuais e coletivas.

Além disso, verificamos também como o sentimento é uma ferramenta de transposição daquilo que é imposto por uma sociedade líquida-moderna, na qual "as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes" (Bauman, 2007, p. 7). Em "Nossos Ossos" ocorre exatamente o contrário do que é proposto pela citação, pois é na realização do desejo de Heleno em enterrar Cícero que sua identidade começa a se reconstruir e se solidificar.

Por isso mesmo, é na tomada de consciência de Heleno de que Cícero não é apenas um "boy" (relação eu-isso), mas que há uma proximidade afetiva forte entre eles (relação eu-tu) que a vida do diretor de teatro começa a ser revista e ressignificada. É a partir disso que o Si mesmo se abre para o verdadeiro encontro com o Outro (representado primeiramente por Cícero e depois por Seu Lourenço) e atinge seu ápice, auxiliado pelo deslocamento que produz a reflexão sobre quem Heleno é de fato e qual sua função/papel no mundo.

Assim, aquilo que chamamos de corpo pode ser a chave para a transformação da intimidade, da identidade, dos gêneros e das sexualidades e, por consequência, da própria sociedade contemporânea como um todo. Contudo, para que isso ocorra é necessário que os indivíduos se reconheçam como uma unidade que se completa na contradição inquietante de ser-se quem se é quando se está com o/no outro.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **A vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. 5. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

BESSON, P. **Mentiras que contamos**. São Paulo: Astral Cultural, 2024.

BAUDRILLARD, J. **À sombra das maiorias silenciosas**: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 2004

BUBER, M. **Eu e tu**. 6. ed. Tradução de N. A. Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2003.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FAVERO, S. **Psicologia suja**. Salvador: Devires, 2022.

FREIRE, M. **Nossos ossos**. Rio de Janeiro: Record, 2024.

GUATARRI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

IANNI, O. A metáfora da viagem. *In*: **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. Editora Perspectiva Ltda, 2002.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, Editora Vozes, 2ª Ed., 2007.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópoles, RJ: Vozes, 2012.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

LUCZINSKI, G. F.; ANGOLA-LOPEZ, M. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, n. 27, v. 1, p. 75-82, janeiro – março 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100009. Acesso em: 15 mar. 2026.

MENDONÇA, G. A. B. de. **Importância da literatura contemporânea de temática LGBT para a educação**. 2018. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. Lisboa: Vega, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**: curso do Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2ª Edição, 2006;

ROEHE, Marcelo Vial. A psicologia heideggeriana. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 43, n. 11, p. 14-21, jan/mar, 2012. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/11089. Acesso em: 20 mar. 2026.

SILVA, A. B. Das viagens e dos retornos: espaço e homoerotismo em Nossos Ossos, de Marcelino Freire. **O eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 33, n. 33, p. 97 -108, 2024. Disponível em: https://orcid.org/0000-0001-6130-8592. Acesso: 30 mar. 2026.

SILVA, A. B. Deslocamento e homoerotismo em A palavra que resta, de Stênio Gardel. *In*: CAMARGO, F. P. & VIEIRA, P. A. J. **Ensaios sobre literatura, estudos de gênero e teoria queer**. Goiânia, Cegraf UFG, 2024.

SILVA, L. S. A tradição da convenção: Nossos Ossos, de Marcelino Freire. **Letras Escrever**, Macapá, v. 7, n. 4, 2º semestre, 2017. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/index.php/letras. Acesso em: 30 mar. 2026.

STEIN, E. **Diferença e metafísica**: ensaios sobre a desconstrução. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Editora Vozes, 2007, 7ª Edição;

WOOLF, V. **Contos Completos**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2005.

Recebido em: 04/04/2026
Aceito em: 15/07/2026